



C. W. GORTNER

A VINGANÇA DOS
TUDOR

SERÁ UM SEGREDO CAPAZ DE DESTRUIR
UMA DINASTIA PODEROSA?

Do mesmo autor dos aclamados bestsellers internacionais
O Segredo dos Tudor e A Conspiração dos Tudor

TOP
SEL
LER

Para o Erik

Não se pode curar o passado

— ISABEL I

Capítulo Um

BASILEIA, 1558

Ela estava à minha frente, vestida de veludo negro, com a sua juba de cabelo louro entrançada em volta do rosto. As sombras envolviam-na; à medida que avançava para a cama, onde eu estava como que paralisado, as suas longas mãos alcançaram as fitas do corpete e começaram a soltá-las, uma a uma.

Não conseguia mexer-me; mal conseguia respirar. O desejo corria pelo meu corpo. Ouvi-me a gemer; aquele som débil desfez a minha resistência. Ela estava tão perto, que já imaginava as minhas mãos a percorrer o seu cabelo farto, a sentir o calor da sua língua no remoinho das nossas bocas e a corrente do seu toque enquanto me arrancava as roupas, baixando-me as ceroulas para agarrar o meu membro duro.

— Quero conhecer algo mais do que o medo — ouvi-a sussurrar. — Quero sentir desejo, nem que seja só uma vez.

O vestido estava agora desapertado. Observei com o coração na boca, sabendo, nalguma parte obscura da minha alma, que se fizesse isto nunca o esqueceria e nunca lhe escaparia. Tenho de viver até ao fim dos meus dias com o remorso pela traição da

mulher que amei de verdade, que esperava por mim até agora, longe e na ignorância.

Mas quando o veludo negro do vestido lhe caiu aos pés e contemplei a sua pele imaculada, os seus seios de mamilos rosados e as costelas como cordas de uma lira sob a sua palidez, deixei de conseguir pensar. Ela deitou-se por cima de mim e eu impeli-me bruscamente para dentro dela, numa fúria, sentindo-me crescer ainda mais à medida que acordava o seu prazer, até que ela inclinou as ancas para ir ao encontro do meu impulso.

A minha semente jorrou, tão subitamente que me cortou a respiração. Ela apertou o corpo à minha volta, fazendo-me gritar. E, enquanto eu estremecia, com o nosso calor a desvanecer-se como o fumo de uma fogueira extinta, senti a sua mão fria a fazer pressão contra o meu peito e ergui o olhar para encontrar o seu, enquanto ela erguia rapidamente a faca escondida, com a lâmina a brilhar, antes de a baixar e a cravar no meu coração...

— *Nããão!*

Com o grito ainda nos lábios, ergui-me bruscamente na minha cama estreita. A arquejar, buscando desesperadamente a realidade que se revelava à minha volta ainda em peças confusas, atirei as cobertas para o lado e sentei-me na beira da cama, pousando o rosto nas mãos por um momento.

— Respira — disse a mim mesmo. — Não foi real. Foi um sonho. Ela desapareceu. Morreu. — Pondo-me de pé, com os vestígios do pesadelo ainda agarrados a mim como teias de aranha, reparei que tinha a camisa de noite ensopada em suor. Despi-a e caminhei nu até à mesa baixa com a sua bacia e jarro de cobre, sem conseguir sentir o frio até que levei o jarro à boca e bebi, a água gélida a cair-me na barriga e a fazer-me tremer.

Regressando à cama, retirei a manta de lã áspera e embrulhei-me nela, encolhendo os ombros enquanto olhava para lá dos limites do sótão, para a pequena janela de vidro retorcido a fazer lembrar um olho inclinado na parede. Lá fora ainda estava escuro, com os pináculos das torres e os telhados pontiagudos desta

cidade estrangeira a formarem uma silhueta espinhosa contra o céu noturno. Ali sentado, encolhido, com a memória da minha traição a recuar para as profundezas a que tinha sido remetida para me permitir continuar a viver, a noite índigo começou a aclarar, um tom rosa-dourado progressivo a anunciar a aproximação da madrugada.

Quanto tempo tinha passado? Às vezes quase me esquecia. Agora, enquanto me debatia com a memória do que tinha feito, obriguei-me a recordar. Quase quatro anos. Quatro longos anos desde que tinha fugido dos meus inimigos, deixando para trás tudo e todos os que conhecia.

Não tinha deixado Inglaterra voluntariamente. Depois da minha última e perturbadora tarefa na corte, onde perdera o meu querido escudeiro e quase a minha vida, consegui proteger Isabel, sem, contudo, ter conseguido persuadir a sua meia-irmã, Maria, a não a mandar para a Torre. Depois de dois meses naquele cárcere aterrador, Isabel foi libertada e enviada sob guarda para uma mansão distante. A minha amada Kate ficou a seu lado, mas não pude aproximar-me delas. A rainha tinha-me ordenado que abandonasse a corte e que me refugiasse na casa de campo do meu mentor, William Cecil, cujos informantes nos mantinham a par da situação de Isabel, mesmo enquanto Maria se lançava numa perseguição horrenda dos seus súbditos protestantes no seu zelo para apaziguar Deus e o seu marido, Filipe de Espanha. Quando se soube que Maria pensava estar grávida, o laço voltou a apertar-se à minha volta. O seu fiel conselheiro, o embaixador imperial Simão Renard, que eu enganara anteriormente, enviou homens em minha perseguição e Cecil tomou providências em segredo para me mandar para aqui, para a Suíça dominada pelos calvinistas, onde residia um seu agente, Francis Walsingham, depois de ter fugido de Inglaterra quando Maria subiu ao trono.

Soltei um suspiro trémulo e o nó no meu peito começou a desfazer-se. Porquê agora? Porque é que, ao fim de tanto tempo, eu tinha voltado a sonhar com Sybilla Darrier? Mal pensara nela

durante todos estes meses, mesmo vivendo com as consequências das suas ações a todas as horas de todos os dias.

Porque é que ela ainda me assombrava?

Os minutos passaram. Não conseguia voltar a adormecer. Quando ouvi a nossa governanta, Gerthe, lá em baixo, a espicaçar as lareiras e a preparar a mesa para o pequeno-almoço, pus de lado a manta para me lavar apressadamente com a água que restava no jarro. Novamente gelado, enfiei-me no meu uniforme discreto de ceroulas pretas, calções e um gibão simples — a farda de um aprendiz de mercador calvinista, o meu disfarce.

— Já a pé? — perguntou alegremente Gerthe em alemão quando me viu entrar no pequeno aposento que servia de átrio. Era uma mulher rechonchuda e trabalhadora de idade indeterminada, que não era notável sob nenhum ponto de vista. Eu vira centenas como ela nas ruas todos os dias, criadas de uma centena de casas que pareciam, pelo menos à superfície, exatamente iguais à nossa. Eu suspeitava que Walsingham a escolhera por isso, tal como se certificava certamente da sua lealdade levando-a de vez em quando para a sua cama. Ela tinha um ar calmo e sonolento naquela manhã.

Lancei-lhe um sorriso, sentando-me no banquinho junto à mesa enquanto ela me servia queijo de cabra fresco, pão escuro e uma caneca de cerveja quente.

— O Mestre Thorsten está acordado? — perguntei enquanto comia, usando o nome de código de Walsingham.

Ela disse que sim com a cabeça e foi ocupar-se da lareira.

— Ele saiu cedo. Disse que deveríeis esperar por ele no seu gabinete. — Olhou por cima do ombro. — Vamos. Comei um pouco mais. Pareceis pálido, Mestre Johann. Deveis conservar as vossas forças. O inverno está a chegar e parece-me que vai ser duro. Já nevou um pouco esta noite.

O meu nome de código era ridículo, mas Walsingham insistia que John era um nome tão comum que ninguém duvidaria dele. Como o meu domínio do alemão e do dialeto suíço era, na

melhor das hipóteses, precário, ele teve de me fazer passar por filho de um primo, obrigado a deixar a sua terra natal devido à perseguição católica. Os que fugiam dos ataques de Roma eram bem-vindos na Basileia e, na maioria dos casos, não eram sequer questionados. Por esta altura, todos os protestantes da Europa sabiam dos horrores perpetuados por Maria Tudor contra os seus irmãos em Inglaterra.

«No seu gabinete» era o código de Walsingham para a divisão onde tinha começado a ensinar-me os rigores da nossa arte. Terminando a minha refeição, agradei a Gerthe e voltei a subir as escadas, passando pelo meu quarto e atravessando o corredor, até à última porta. Tirei a chave do bolso interior do meu gibão e destranquei-a. Quando entrei, encontrei Walsingham à minha espera.

— A Gerthe disse... — comecei, e ele respondeu com um aceno de cabeça.

— Eu sei. Feche a porta. Voltei quando ela estava a tirar água do poço. Entre e sente-se. Está na hora de começarmos.

Os seus olhos, frios como ónix, fitavam-me. Nunca deixava de me perturbar, aquele seu olhar penetrante, como uma serpente enrolada prestes a atacar. As suas mãos, com dedos finos e compridos, pendiam das mangas sem rendas do gibão preto. De estatura pequena, com feições marcadas e angulares, olhos permanentemente ensombrados e uma barba perfeitamente cuidada, parecia não ter idade, embora ainda nem tivesse feito 30 anos. Aos olhos de quem não o conhecesse, teria parecido inócuo com o seu luto ainda não abandonado e com o solidéu empoleirado na cabeça precocemente calva — traje mais adequado a um pastor huguenote do que a um homem secretamente ao serviço de Cecil, o que me levava a perguntar-me porque é que alguma vez o temera. Conheci Walsingham quando ainda era um escudeiro inexperiente de Robert Dudley, recém-chegado à corte. Ele tinha sido intermediário da minha primeira tarefa e na altura considerei-o uma ameaça de aparência felina e pouco fiável.

No entanto, quando cheguei da minha viagem através do canal e da minha travessia a cavalo dos Países Baixos, Walsingham recebera-me amavelmente, se não mesmo de uma forma abertamente calorosa.

Percebi de imediato o meu erro. Ele podia não representar uma ameaça para mim, mas era perigoso. Depois de me ter instalado na sua casa estreita com gabletes, localizada na zona comercial da cidade, onde a coscuvilhice internacional abundava, começou a revelar um arrepiante domínio da morte e da sobrevivência. Tinha viajado muito nos anos que se seguiram à sua partida de Inglaterra, para as cortes de Itália e de outras terras mais distantes, onde a intriga era endêmica e os métodos para a eliminação dos inimigos eram abundantes e criativos.

Não tolerava o erro. Eu estava ali para aprender, disse ele, e desafiou-me quase de imediato com textos obscuros e quebra-cabeças que exigiam verdadeiras façanhas de cálculo e memória. Ensinou-me a escrever tanto com a mão esquerda como com a direita, e até de trás para a frente, para a mensagem só poder ser lida com um espelho. Impôs-me sessões diárias para aprimorar as minhas habilidades com a espada e o punhal, fazendo-me passar por extenuantes horas de treino que me deixaram com as coxas e os braços a arder de cansaço.

Ainda mais exigente foi a misteriosa arte de como me libertar da capacidade de sentir através de práticas empregadas, segundo ele, por assassinos no Extremo Oriente. Ensinou-me a contar cada respiração até o sangue me correr muito lentamente nas veias, e depois fez-me ficar sentado, nu e imóvel, diante de uma janela aberta, exposto aos nevões do inverno, apenas com a respiração a aquecer-me os membros. Fez-me andar descalço sobre vidros espalhados sem sentir dor, e conquistar inúmeros obstáculos que preparava durante a noite nas ruas lá fora para aumentar a minha resistência. O meu corpo era a sua máquina, que ele programou para perseguir estranhos e descobrir os seus segredos sem que se apercebessem da minha presença. Fiquei

espantado com o quanto podia aprender sobre uma pessoa quando ela pensava não estar a ser observada, e horrorizado com os atos de crueldade e vício que testemunhei — todos eles, assegurou-me Walsingham, necessários para a chantagem.

Só o recusei uma vez, quando me ordenou que atravessasse o Reno a nado, insistindo para que superasse a minha aversão à água. Semicerrando os olhos para mim enquanto eu abanava a cabeça, ele disse:

— Qualquer fraqueza pode ser a sua ruína.

— Vou arriscar — retorqui. Porque por mais que ele insistisse na importância de vencermos as nossas fragilidades emocionais ao mesmo tempo que conquistamos a resistência inerente dos nossos corpos, nunca enfrentarei voluntariamente outro mergulho em águas profundas.

Apesar da sua falta de elogios ou incentivos, com o tempo comecei a perceber que ele estava impressionado comigo. Eu tinha chegado a uma terra onde a língua era estranha aos meus ouvidos, uma cidade onde não conhecia nada nem ninguém; embora tivesse apenas 25 anos, já era veterano de duas missões em defesa de Isabel e tinha abandonado toda a esperança de vir a ter uma vida normal. Não tinha nada a perder e tinha tudo a ganhar. Seria bem-sucedido, custasse o que custasse. Tinha estado à mercê daqueles que me queriam matar. Tinha de estar pronto quando chegasse a altura.

Como Cecil me dissera, ser espião era o meu destino.

Agora, via uma caixa de madeira simples sobre a mesa em frente a Walsingham, com a tampa aberta para revelar fileiras de frascos idênticos com rolhas de cortiça. Contive a vontade de revirar os olhos. Era a sua mais recente lição sobre o tormento, lição a que me sujeitava há várias semanas. Sentando-me no meu lugar, esperei que ele extraísse um frasco, lhe tirasse a rolha e o pousasse à minha frente.

Peguei no frasco e aproximei-o das narinas. Inalando profundamente, mas não tão profundamente que algo pudesse

entrar-me nos pulmões, concentrei todo o meu ser no que o olfato me revelou.

— Limão — disse, por fim. — E almíscar... — Hesitei, tentando decifrar algo oculto nos outros cheiros, tentador mas fugidio. O que *seria*? Eu conhecia aquele aroma. Já o tinha sentido. Seria parte de um perfume? Ou assinalaria algo venenoso?

A voz de Walsingham invadiu os meus pensamentos.

— Veneno ou perfume? Não tem o dia todo para deduzir o conteúdo. Na maioria dos casos, se for veneno, tem menos de um minuto antes de a vítima morrer.

Ergui os olhos, fitando-o. Sentira de forma demasiado vívida o horror da sua declaração. Tinha tido nos meus braços um rapaz, meu amigo e escudeiro, Peregrine, enquanto ele morria por eu não ter agido suficientemente rápido. Walsingham sabia-o, claro. Usava esse conhecimento a seu favor para me provocar e causar em mim uma reação emocional.

— Empurra-me isto para cima e espera que o decifre em... quê? Cinco segundos? — perguntei, sabendo enquanto o dizia que estava a fazer exatamente o que ele pretendia. — É um perfume.

— Não é. E tem de o decifrar em menos de cinco segundos. — O seu dedo ossudo bateu na amostra que estava à minha frente. — Amêndoa — afirmou, e eu afundei-me na cadeira. — Sim — continuou, com aquela superioridade insuportável que eu aprendera a detestar ainda mais do que do seu rosto inexpressivo —, a maioria dos venenos mais comuns tem um ténue aroma a amêndoa, se se treinar o suficiente para o detetar. Embora existam, obviamente, exceções.

— Mas este não era um deles — respondi.

Ele franziu os lábios, pegou na amostra e voltou a colocá-la na caixa de madeira. A sua mão pairou sobre as fileiras de frascos em busca da sua próxima escolha. Veneno ou perfume?

De repente, empurrei a minha cadeira para longe da mesa.

— Basta! Não consigo fazer isto. Ainda tenho o nariz entupido de todos os cheiros em que me obrigou a trabalhar ontem.

Embora ele tivesse total controlo sobre a sua expressão, a ponto de muitas vezes parecer mais feito de pedra do que de carne, detetei uma diversão mordaz no seu olhar. Finalmente, disse-me:

— Pergunto-me se vai sentir o mesmo no dia em que for chamado a defender a nossa rainha? É isto que fazemos, Prescott. Somos informadores. Não podemos admitir a derrota mesmo quando estamos cansados, porque a nossa vida não é nada comparada com a que temos de proteger. Quase lhe falhou da última vez e ela sobreviveu por pouco. Agora tem de sacrificar tudo o que sente e pensa, se quer tornar-se uma das suas armas.

Rangi os dentes. Por mais que detestasse admiti-lo, ele tinha razão. Eu quase falhara, e com isso tive de perder a última ilusão que ainda tinha de que poderia manter alguma semelhança com o homem que fora. Demasiadas coisas tinham acontecido. Eu tinha sido o causador de grandes perdas. A memória de Sybilla nua no meu quarto, uma sereia enganadora, voltou a agarrar-me.

Se eu tivesse estado mais bem preparado, ela nunca teria destruído tanto.

Peregrine ainda poderia estar vivo.

Puxando o meu gibão, voltei-me para a janela estreita desta sala vazia onde passara muitas horas sob um calor sufocante ou um frio gélido, com este homem por quem não sentia o menor afeto. Enquanto olhava para a cidade, uma dor súbita apoderou-se de mim. Tinha saudades de Inglaterra. Tinha saudades dela com tudo o que tinha dentro de mim, embora a minha vida lá tivesse sido repleta de mentiras e tristeza, embora fosse tanto um estranho no meu próprio país como aqui. Tinha saudades do verde das colinas, dos carvalhos majestosos e da chuva prateada. Acima de tudo, tinha saudades de Kate, mesmo sabendo que não tinha qualquer direito a ela, não depois do que eu fizera.

— Levamos os nossos arrependimentos connosco para onde quer que vamos — disse Walsingham atrás de mim, com a sua estranha capacidade de me ler os pensamentos. Da primeira vez que o fez, pensei que tivesse sido uma estranha coincidência.

À quinta vez, comecei a pensar que ele era vidente. Agora, sabia que era apenas mais um dos seus truques de prestidigitação, um truque que tinha aperfeiçoado ao longo de anos a estudar a turbulência silenciosa no íntimo dos que o rodeiam, enquanto ele se mantinha indiferente.

Ri-me.

— Ainda sou assim tão óbvio? Devo ser uma grande desilusão.

— Só para mim — disse ele secamente. Ouvi o restolhar de papel. Inspirando, virei-me, preparando-me para mais um dia interminável de inscrições ininteligíveis que se esperava que eu desvendasse.

Além da deteção de venenos, a descodificação de cifras era o meu desafio mais persistente, e ele sabia-o. Disse-me que os homens educados como eu tinham muito mais dificuldade em treinar a visão para ver o que existe para além da aparente aleatoriedade de uma cifra e para detetar a estrutura inevitável ali oculta.

— Todos os códigos têm uma falha — disse. — Nada é invencível. Mas nós permitimos que o seu caos nos confunda e oprima, como era a intenção do seu criador. Esquecemos que, se um homem os inventou, outro pode decifrá-los.

Achei aquilo pouco reconfortante, sobretudo porque olhava para uma página que parecia pisada por uma ratazana que ali tivesse deixado as impressões das suas patas sujas de tinta, mas não tinha mais nada para fazer e resignei-me a esta próxima tarefa, em que trabalharia todo o dia até à ceia, seguida por...

O meu coração sobressaltou-se. Walsingham ergueu um papel com o selo quebrado.

— Uma carta do meu senhor Cecil — disse. Quando viu a minha postura rígida, os seus lábios estremeceram como se estivesse prestes a exhibir um dos seus raros sorrisos. — Achei que seria melhor esperar até terminarmos o dia e, evidentemente, foi o que aconteceu.

Ele estendeu-me o papel. Arrancando-lho da mão, devorei o conteúdo com o olhar e depois, percebendo que tinha sido composta com a habitual cifra de Cecil, acalmei-me e li-a novamente, desfazendo cuidadosamente o código que já tinha memorizado.

Ergui o olhar.

— Diz aqui... — A minha voz ficou áspera de incredulidade.

— Esperou todo este tempo para me dizer?

— Não vejo que diferença faz. Não podemos partir assim sem mais nem menos.

— Mas, Isabel... Esta carta diz que ela já está a estabelecer a sua corte em Whitehall! — Explodi de indignação. — A Rainha Maria morreu há uma semana!

Ele encolheu os ombros.

— Eu obedeco às instruções de Cecil. Ele escreveu primeiro a informar-me da doença da rainha, quando se descobriu que a gravidez era na verdade um tumor maligno que tinha na barriga. Disse-me que tomaria as providências necessárias quando chegasse a altura certa. Era preciso marcar a passagem, obter os passaportes; eu tinha de supervisionar o fecho desta casa segura e a transferência do seu conteúdo. Há espiões papistas aqui atentos a nós, tão certo como nós estarmos atentos a eles. Temos de partir sem atrair atenções, como parte da multidão de protestantes ingleses que foi para o exílio e agora regressa a mando de Isabel. O sigilo é da maior importância. — Fechou a tampa da caixa. — Vamos sair depois de amanhã ao raiar da aurora. Pode começar a fazer as malas.

Olhei para ele. Não tinha nada para guardar, exceto as minhas roupas e alguns livros.

— Posso estar pronto em menos de uma hora — disse eu entredentes.

Ele arqueou a sobancelha.

— Então, sugiro que cultive a paciência. O simples facto de que preciso de o lembrar disso prova que está longe de estar pronto. — Virou-se para a porta, com a caixa debaixo do braço.

— Vamos fazer uma pausa de uma hora e depois voltaremos à cifra que não consegui decifrar ontem à noite. — O seu tom tornou-se mais severo quando comecei a reclamar. — Até estarmos de volta à corte, Mestre Prescott, está sob as minhas ordens. Entendido?

Assenti, contrito, com a carta a anunciar a subida ao trono de Isabel Tudor apertada no meu punho cerrado. Se pudesse, teria nadado até Inglaterra naquele preciso momento, sem querer saber do meu medo de águas profundas e da autoridade que ele tinha sobre mim.

O riso escarninho de Walsingham enquanto saía indicava que também o sabia.

Capítulo Dois

LONDRES

Quando desembarcámos em Dover, quatro dias depois, esperámos que a nossa bagagem fosse descarregada do porão e abrimos caminho pelo meio das hordas de viajantes em busca da estalagem onde nos aguardavam as montadas que Cecil providenciara. Nesse momento, quase desejei ter escolhido vir a nado. Atravessar o canal em qualquer altura do ano já era árduo o suficiente, com as suas correntes e tempestades repentinas e imprevisíveis como uma criança maldosa, mas em meados de novembro, com o inverno a aproximar-se, a viagem foi um purgatório que me esvaziou as entranhas.

Devia estar com uma aparência tão terrível como me sentia, pois Walsingham arqueou a sobrancelha para mim.

— Está capaz de montar? Ainda temos uma longa viagem pela frente até chegarmos à cidade e prefiro não pagar um preço exorbitante por algum quarto horrível numa dessas estalagens sobrelotadas à beira das docas.

— Consigo montar — murmurei, embora cambaleasse como um potro recém-nascido e ainda sentisse o sabor podre da

bílis do mar alto na boca. Ao aproximar-me das éguas desamparadas que nos aguardavam, percebi que mal podia esperar para recuperar o meu *Cinábrio*, que tivera de deixar para trás na mansão de Cecil, e esperei que alguém se tivesse lembrado de trazer o meu cavalo para a corte. — Embora pense que não vamos chegar muito longe com estas éguas — disse, enquanto atávamos as malas às selas e nos desviávamos da sujidade do estábulo para montar. — Parecem mais mortas que vivas.

— Os mensageiros têm estado a correr de um lado para o outro do canal desde que Isabel subiu ao trono — disse Walsingham, enquanto ajeitava meticulosamente o manto sobre a sela. — Provavelmente não há cavalos suficientes para satisfazer as necessidades de todos os que enviam e recebem informações. Foi uma sorte termos conseguido cavalos. Podíamos ter-nos visto apertados num transporte público com o resto desta gente. — Enquanto falava, passou um olhar desdenhoso sobre a cidade, com a sua fortaleza real de pedra branca empoleirada no penhasco branco sobranceiro ao aglomerado de ruas sinuosas e edifícios tortos, pontuada por uma multidão de gente que falava, praguejava e gritava entre si. Gaivotas e gralhas guinchavam por cima de nós. As narinas de Walsingham agitaram-se, como se conseguisse detetar cheiros individuais entre o miasma geral de imundície, pele suja e lixo.

— A este ritmo vamos ser esmagados — disse ele. — Todos estes exilados a regressarem; há muitos deles e muito poucos de nós. Atrevo-me a dizer que nem sequer estão a verificar passaportes. Qualquer um com uma bolsa e uma língua capaz pode comprar a sua passagem com subornos.

Fiz uma pausa. Um arrepio atravessou-me o corpo. O rosto dele tinha-se ensombrado. Com mais um olhar avaliador à cidade, disse-me:

— Tome nota. É assim que o caos se instala.

Dando um puxão nas rédeas, levou-nos para a estrada.

Mostrou-se tão taciturno a cavalo como no navio, dizendo apenas o que era necessário para o nosso progresso. Ainda assim, não tivemos escolha senão parar durante a noite. Embora as nossas montadas se tivessem revelado mais resistentes do que as suas atitudes abatidas sugeriam, precisávamos de descansar, e Walsingham escolheu uma estalagem à beira da estrada quando já tínhamos avançado o suficiente para nos adiantarmos à multidão de carroças e carruagens que partiam de Dover para os quatro cantos do reino.

O nosso quarto era médio e continha um colchão sujo e um banquinho raquítico. Optámos por dormir no chão, envoltos nos nossos mantos e usando as malas como almofadas, já que nenhum de nós estava com vontade de ser infestado por vermes. Ainda assim, acabei por esmagar várias pulgas e de manhã estava a coçar picadas no pescoço e nos braços. Quando regressámos à estrada, depois de um pequeno-almoço de pão duro, cerveja morta e queijo bolorento servido por uma rapariga carrancuda com um furúnculo no lábio, eu comecei a perceber que o adstringente ar protestante da Basileia e a sua calçada limpa tinham muitas vantagens.

Walsingham não fez comentários, embora também deva ter notado o contraste. Tínhamos desocupado uma casa arrumada numa cidade reformada em troca de uma viagem de três dias pelos Países Baixos e ao longo da costa de Calais, onde tínhamos embarcado num navio para sermos atirados de um lado para o outro como brinquedos de criança, apenas para chegarmos sem qualquer cerimónia à nossa terra natal, juntamente com centenas de outros refugiados, que encheram Dover como gado. O que pensaria ele do assunto, desta agitação que tinha tomado conta da nossa existência? Mesmo enquanto passávamos pelos bosques de carvalhos à beira da estrada, evitando valas inundadas que refletiam um céu cor de chumbo a ameaçar chuva, à nossa volta os alicerces do nosso mundo estavam a mudar.

No entanto, Walsingham cavalgava como se nada daquilo o abalasse e, rapidamente, o frio cortante que fincava os dentes no

meu pescoço calou as minhas reflexões. Aconchegado no meu gibão e manto, com o chapéu puxado para a testa, preparei-me para o estrondo dos trovões e a libertadora torrente de chuva gelada. Outros viajantes começaram a aparecer, em grupos, montados em mulas ou de carroça, alguns a conduzirem rebanhos de animais, com cães pastores a ladrarem-lhes em volta dos tornozelos. A estrada tornou-se mais larga e mais cheia, pelo que tivemos de abrandar o ritmo. Senti o passo do meu cavalo a acelerar. Olhando em frente pelo meio do crepúsculo, vi uma névoa de fumo que pairava sobre a largura brilhante do Tamisa. O rio enrolava-se como uma cauda de dragão, atravessado pela grande ponte com os seus vinte pilares de pedra. Para além dela estava o aglomerado da cidade, que se tinha espalhado para fora das suas muralhas manchadas de líquenes — uma manta de retalhos de pomares, jardins e subúrbios afluentes que se estendiam para fora dos portões principais.

Senti um aperto no peito. De todas as vezes que estivera em Londres, arrisquei a vida; esta cidade nunca foi segura para mim. Como se sentisse a minha agitação, Walsingham lançou-me um olhar pensativo. Achei que ia simplesmente repreender-me com o olhar. Em vez disso, disse-me, calmamente, com mais consideração do que demonstrara até agora:

— Regressar a casa nunca é fácil, a menos que sejamos tolos. Afinal é lá que pertencemos. É o que...

— Fazemos — interrompi, com um sorriso tenso.

Ele assentiu.

— Exato. E nunca se esqueça. Tudo depende de nós agora.

Deixámos os nossos cavalos em Southwark, no estábulo designado para a devolução, com Walsingham a resmungar que não estava com pachorra para lidar com as multidões que se juntavam no Grande Portão de Pedra para atravessar a ponte. A noite caía, trazendo consigo a hora de recolher, e uma enchente de viajantes cansados e impacientes fazia fila para os botes públicos no

cais de desembarque de St. Mary Overy. O fedor de dejetos e a sujidade nas ruas eram exatamente como me lembrava. Também detetei, mesmo neste bairro amante do prazer do outro lado da cidade, onde os bordéis, as salas de jogo, as tabernas e as lutas de animais abundavam, um ar tangível de suspeita e medo empobrecido. Figuras esguias corriam em várias direções sem sequer olharem umas para as outras, quando no passado eu tinha notado que os londrinos, embora invariavelmente desconfiados de visitantes ou estrangeiros, eram de um modo geral agradáveis para os seus concidadãos. A força solitária perto da Grande Ponte de Pedra revelava a potencial causa: a carcaça apodrecida de um protestante, sem cabeça e sem membros, tão degradada que as costelas retorcidas se viam sob a pele rasgada. Não tive dúvidas de que o resto de quem quer que esta pobre alma tivesse sido estava pendurado noutros portões, como era hábito fazer com traidores, e desviei o olhar ao mesmo tempo que me esforçava para não olhar para os muitos mendigos que rastejavam sobre cotos gangrenosos junto às entradas de casas, onde iam passar a noite. Cães esqueléticos rosnavam e competiam com os ouriços selvagens pelos restos existentes nos montes de lixo.

Uma tribo de órfãos atacou-nos quando Walsingham associava para chamar um barco privado, estendendo as mãos sujas a implorar por esmolas, com os seus olhos tristes e rostos magros incapazes de esconder uma astúcia de matilha enquanto nos rodeavam, planeando roubar tudo o que conseguissem. Eu já tinha tido um confronto com estes selvagens de Southwark e escondi na roupa a minha bolsa, a bacia do meu punhal e tudo o mais que pudesse ser roubado; com uma careta de desgosto, Walsingham pegou num *groat*¹ e atirou-o para o mais longe que conseguiu.

As crianças espalharam-se para o apanharem, rosnando como rafeiros. Um bote chegou mesmo a tempo. Pondo as malas aos

¹ Antiga moeda de prata que valia quatro dinheiros. [N. da R.]

ombros, embarcámos e eu sentei-me no meio do banco, agarrando-o quando Walsingham me lançou um olhar demorado.

— Para Westminster — disse ele ao barqueiro. — E depressa, antes que a maré vire.

Limpou a lama seca do manto enquanto a embarcação virava para o meio do Tamisa, com as luzes de Southwark a piscarem atrás de nós como estrelas distantes. A lanterna do barqueiro balançava no seu gancho e lançava sombras erráticas sobre o rosto de Walsingham, aprofundando as cavidades do seu rosto.

— Ordem e controlo — disse ele, como que para si mesmo — terão de ser as prioridades dela. Todas essas... — fungou, como se quisesse libertar-se de um cheiro desagradável — ... evidências de selvajaria papista têm de ser eliminadas.

Detetei um invulgar tom de fúria na sua voz normalmente contida, mas antes que pudesse comentar, o barqueiro disse:

— Sim, a Maria Sangrenta ter-nos-ia queimado a todos, mesmo tendo conseguido o trono com o nosso apoio. É um alívio estarmos livres dessa cadela, é o que vos digo; pode ter sido a rainha, mas ninguém lamenta a sua morte.

As palavras dele fizeram-me mergulhar na minha última memória da rainha que fora apelidada de Maria Sangrenta pelos seus próprios súbditos, quando me olhou no seu quarto em Whitehall com o seu vestido sujo aberto a revelar o peito magro, devastada pela consciência de que nada do que fizesse ou dissesse poderia superar a atração magnética da sua irmã.

— Também teria mandado matar a nossa Bess — acrescentou o barqueiro, cuspendo o catarro borda fora. — Atentem no que vos digo: ela teria mandado cortar a cabeça à princesa; é tão certo como estarmos aqui.

— Sim, bem — disse Walsingham laconicamente —, ela vai enfrentar agora o seu julgamento, meu bom homem.

— Ela merece é o fogo do inferno. Deixem-na provar do seu próprio veneno. Há quem reze a todos os santos para a fazer ir para o purgatório, mas eu espero que tenha ido direto para o diabo.

Walsingham fez uma careta. Protestante convicto, evitava tanto o conceito de salvação através do purgatório como o culto dos santos; a declaração do barqueiro deve ter sido uma incômoda lembrança de como a inquietação religiosa ainda dominava a Inglaterra. Para muitos, a antiga fé e a fé reformada tinham-se fundido numa construção só superficialmente compreendida que as pessoas adaptavam às suas necessidades específicas. Para Walsingham, essa ideia era um anátema. Quase consegui ouvi-lo a tomar uma nota mental para abordar a questão da uniformidade religiosa assim que tivesse a oportunidade de ter uma audiência com a nossa rainha.

Pensar em Isabel fez o meu coração bater acelerado quando chegámos às escadas de Westminster. Desembarcámos para a breve caminhada até Whitehall. A noite caía à nossa volta, escura como breu; tochas suspensas espalhavam fuligem quando parámos na torre do relógio de Holbein. Aqui, Walsingham apresentou documentos, enviados por Cecil, segundo supus, que nos permitiram entrar. Enquanto os guardas inspecionavam os nossos salvos-condutos, deixei o meu olhar deslizar sobre a imponente fachada de tijolos deste palácio que abandonara em desgraça.

As janelas estavam iluminadas por velas e as silhuetas dos cortesãos que passavam dançavam do outro lado do vidro iluminado pelas chamas. Ouvi o som débil de risos; olhando para o grande pátio fechado do outro lado dos portões, avistei um casal vestido de veludo negro que entrava no palácio por um arco. Whitehall não era tanto uma estrutura coesa, mas mais um emaranhado desconcertante de edifícios interligados, um enorme *pastiche* ainda inacabado. Tinha consumido o antigo palácio dos arcebispos de Iorque, que o Rei Henrique confiscara ao Cardeal Wolsey quando este não conseguiu dar-lhe a anulação de que precisava para se casar com Ana Bolena. Wolsey tinha morrido devido ao seu fracasso, no seu caminho para a Torre; seis anos depois, a Rainha Ana, a mãe de Isabel, encontrou o seu próprio

destino às mãos de Henrique. Perguntava-me como se sentiria Isabel, sabendo que era agora governante do próprio palácio que testemunhara a ascensão e a queda da sua mãe, e quase a sua própria morte.

Sobressaltei-me quando senti a pressão dos dedos de Walsingham no meu cotovelo.

— Venha — disse ele. — Vamos ter de encontrar o nosso próprio caminho para o salão. Parece que Sua Majestade está a dar uma receção esta noite e não há pajens disponíveis para fazer chegar a Cecil a notícia da nossa chegada.

O choque da vida que encontrámos ao entrar no palácio contrastou vivamente com a última vez que aqui tinha estado, quando todos os acessos tinham sido fechados e guardados na sequência de uma tentativa abortada dos rebeldes para deporem Maria. Agora, os corredores largos e inúmeras galerias forrados a tapeçarias de Whitehall brilhavam com *glamour*, joias brilhantes e com o eco de risos enquanto os cortesãos avançavam numa debandada de cetim para o grande salão. Eu residira em Whitehall, vivera acontecimentos marcantes e devastadores entre as suas paredes, mas nunca tinha visto tantas pessoas como naquele momento, pelo que me preocupei com a minha aparência desalinhada, até perceber que ninguém estava a reparar em nós. Ao meu lado, Walsingham avançava discretamente e em silêncio, com as suas vestes negras parecendo uma sombra felina entre o bando de pavões. Tinha o maxilar cerrado por baixo da barba; não precisava de dizer nada para eu perceber que desaprovava um acesso tão descontrolado à pessoa da rainha.

Junto às grandes portas duplas que levavam ao salão, parámos para tirar os mantos, mas não tivemos tempo. Atrás de nós, os cortesãos entraram como uma maré imparável, varrendo-nos para o lado de dentro, o teto pintado e com vigas impregnado de fumo muito acima, um céu envolto em nevoeiro; o piso de mosaicos pretos e brancos estava coberto de juncos pisoteados, formando um prado escorregadio sob os nossos pés.

A cacofonia era ensurdecadora; o ar estava impregnado do calor da cera que pingava dos muitos candelabros em cantos e suspensos de correntes acima das nossas cabeças, dos cheiros de almíscar e perfume salpicados em pele nua, de suor, gordura e vinho derramado. Uma legião de senhoras passou por nós; uma delas, suficientemente bonita com as suas roupas de cetim azul-escuro, lançou-me um olhar inconfundível. Quando o calor inesperado alastrou pelas minhas zonas íntimas, lembrei-me, com sobressalto, de que não estava com uma mulher desde...

Desviei o olhar, afastando essa memória, enquanto as companheiras da minha admiradora a puxavam para o meio da multidão. Uma delas sussurrou suficientemente alto para garantir que era ouvida:

— Suponho que não é feio, mas sentiste o *cheiro* dele? Garanto-te que não toma banho há semanas! Só um papista ousaria comparecer na corte a cheirar tão mal.

Walsingham comentou secamente:

— Então agora somos papistas, é? — Enquanto falava, estudava a multidão, traçando um caminho para a plataforma elevada, onde se podia ver um grupo de figuras privilegiadas e cobertas de joias. Tendo andado pelo meio de multidões nesta sala no passado, agradou-me o desafio. Duvidava que fosse possível aproximar-me do estrado sem ser detido, graças à nossa aparência descuidada.

— Talvez possamos tomar uma bebida primeiro — disse eu, olhando para um pajem que se aproximava com uma garrafa. Senti-me subitamente sequioso e tinha a minha taça na bolsa.

— Beber? — retorquiu Walsingham com um tom ríspido, como se eu tivesse sugerido atravessar o Tamisa a nado. Empurrando a sua mala para mim, marchou adiante, traçando um caminho preciso como uma lâmina, com a sua determinação a fazer os que estavam no seu caminho desviarem-se, carrancudos e a resmungar. Fui atrás dele, carregando a nossa bagagem e tendo um vislumbre fugaz da minha admiradora à minha esquerda.

Ela piscou-me o olho. As amigas deram-lhe um toque com os cotovelos, rindo.

Então, subitamente, alabardeiros de libré verde e branco barraram-nos a passagem com as suas lanças. Atrás deles estava o amplo estrado com o seu trono vazio, situado ao lado de uma das famosas lareiras de pedra de Caen de Whitehall. Os nobres privilegiados reunidos em volta dele voltaram-se para olhar. Tive uma impressão desconcertante de narizes curvos, barbas aparadas e olhares de desprezo antes de eles se afastarem, revelando outro homem, com a mão descontraidamente pousada num dos braços estofados do trono.

Era nada mais nada menos do que o meu antigo mestre, Lorde Robert Dudley.

Capítulo Três

Ele estava com melhor aparência do que eu esperava, embora na verdade não o esperasse de todo. Praguejei entredentes por não o ter previsto. Ele usava ricas vestes de veludo cinzento intercalado com seda cor de marfim, uma profusão de pérolas destacava o seu brasão do urso e do bordão nas mangas. Os seus ombros largos compensavam as pernas musculadas de que tanto se orgulhava; não tinha qualquer semelhança com o prisioneiro magro que eu vira pela última vez na Torre. Sem aviso prévio, toda a raiva reprimida dentro de mim veio à tona. Desde que eu era uma criança abandonada entregue aos cuidados da sua família, Dudley sempre sentira prazer em atormentar-me. Percebi pelo ódio que inflamava os seus olhos escuros que ele também não se tinha esquecido disso.

Ele deu um passo em frente.

— O que é que *tu* estás aqui a fazer? — sibilou.

Fitei-o. Eu também tinha perdido todos os vestígios da juventude que ele conhecera. Endurecido pela minha formação, confiante de que numa luta eu seria mais do que capaz de lhe

fazer frente, já não me assustava com a sua agressividade. Antes que eu pudesse reagir, Walsingham disse com a deferência apropriada:

— Com o perdão do meu senhor, fui chamado pelo meu senhor, o Secretário Cecil. Este é o meu criado e...

Dudley rosnou:

— Criado? Desde quando é que este rafeiro é criado de alguém? É incapaz de servir; morde todas as mãos que o alimentam. E, por Deus, juro que eu próprio tenho vontade de o enfiar numa saca e de o afogar. — Ele começava a descer, com os punhos cerrados junto ao corpo, quando uma voz autoritária gritou:

— Meu senhor, se tiverdes a bondade! Estes homens estão aqui a meu convite.

O alívio apoderou-se de mim quando me virei e vi Cecil a dirigir-se a nós. Não estava com disposição para lutar com Robert Dudley agora, embora, a avaliar pela sua postura rígida e pelo olhar fulminante que lançou a Cecil, eu não tivesse dúvidas de que teria de lidar com ele mais tarde.

Cecil estava um pouco ofegante por ter atravessado o salão a passo rápido. Avaliou-nos rapidamente com o seu à-vontade característico que dava a crer que tudo o que fazia era perfeitamente cronometrado. Parecia cansado. Tendo chegado aos 38 anos, começava a exibir uma barriga de meia-idade, sem dúvida causada por todas as refeições substanciais de que desfrutava na sua casa de campo com a sua dedicada esposa Lady Cecil, mas a sua barba acobreada continuava sem sinais reveladores de tons cinzentos e ainda mantinha uma expressão arguta.

— Mestre Walsingham, não vos esperávamos tão cedo. — Cecil não me cumprimentou e eu baixei o olhar, fingindo subserviência.

Evidentemente, esperava-se que eu fizesse o papel de criado, como Walsingham confirmou com as suas palavras seguintes:

— Peça que me desculpeis pelo incómodo. A viagem durou menos do que o esperado e contratei um bote para evitar a ponte.

Mas é óbvio que o meu criado e eu não somos uma companhia digna. Será que podeis disponibilizar um quarto...?

Dudley soltou uma gargalhada, girando com uma bonomia aristocrática para junto dos seus companheiros nobres.

— Ouvistes isto, meus senhores? Eles desejam um quarto! Talvez devamos equipá-los com roupas de cama finas e oferecer-lhes também um banho quente, hã? — O seu riso irónico calou-se abruptamente. Quando voltou para junto de nós, disse: — Caso não tenhais ouvido dizer, Sua Majestade acaba de assumir o trono. Lamento mas os quartos estão todos ocupados nesta altura, a menos que desejeis ser instalados num dos canis. — Ele fixou o olhar trocista em mim. — Tenho a certeza de que o vosso criado está familiarizado com cães, tendo passado a vida a dormir com eles.

Mantive o rosto virado para evitar mostrar a repulsa que sentia por ele. Reparei que Cecil também era hábil a esconder a sua própria repulsa, estando muito familiarizado com os modos perentórios de Dudley. Também sabia quão profundo era o fosso entre o meu antigo mestre e eu; mas Dudley ainda era um amigo de infância e amigo íntimo da rainha, e Cecil conseguiu exibir o nível adequado de respeito quando respondeu:

— Meu senhor, é evidente que temos plena consciência do pouco espaço que há na corte. No entanto, tenho a certeza de que Sua Majestade gostaria que encontrássemos alojamento adequado para os nossos convidados.

A raiva ensombrou o rosto de Dudley, mas antes que ele pudesse responder, um súbito silêncio abateu-se sobre a sala, seguido por um murmúrio que alastrou por entre os cortesãos, como vento. No estrado, os nobres puxaram os seus gibões e apressaram-se a fazer vénias. Dudley não se mexeu, fitando-me com uma promessa violenta que pareceu esvaziar o salão à nossa volta, deixando-nos a sós.

— És meu, Prescott — murmurou ele, e depois fez a vénia treinada, permitindo que me virasse e visse Isabel entrar.

O efeito que ela teve sobre a multidão foi imediato. Todos pareciam sustar a respiração enquanto a sua figura esguia passava pelo meio da agitação de vénias. Trazia na mão um saquinho de perfumes incrustado de joias, e um leve rubor no seu rosto angular destacava a sua palidez. Vestia damasco do Sienna, com os seus cabelos cor de fogo enrolados numa rede cravejada de ágatas para expor o seu longo pescoço de alabastro. Não era linda — tinha a testa muito alta e feições muito diminutas, o nariz aquilino —, mas transmitia uma ilusão tão consumada de beleza que a maioria acreditava que o era. Os seus olhos cor de âmbar escuro brilhavam, capturando-me com aquela intensidade leonina que me fez seu desde o momento em que me dirigiu o seu poder, há cinco anos. Agora, depois de ter sobrevivido a numerosas tentativas para a aprisionar ou executar, ela tinha finalmente alcançado o feito aparentemente impossível de se tornar rainha. Eu fora um dos que lutaram para a fazer chegar a este momento, e o meu coração encheu-se quando a avistei, de tal forma que não consegui mover-me até que uma das suas finas sobrancelhas acobreadas se arqueou.

Baixando-me sobre um joelho, a minha vénia desajeitada trouxe aos seus lábios um sorriso dissimulado que desapareceu tão depressa como surgira. Ela passou por mim para subir ao estrado, com as aias muito agitadas atrás dela para se instalarem em almofadas vermelho-douradas aos seus pés.

Olhei para aquelas mulheres, com a respiração presa na garganta enquanto me preparava para encontrar Kate entre elas; para meu alívio e desilusão simultâneos, a mulher que eu amava e que tinha abandonado não estava presente.

Isabel acenou com a mão, fazendo todo o salão erguer-se; no dedo, usava o anel de sinete que eu vira pela última vez a adornar a mão da sua irmã, Maria.

— Continuai — disse ela com a voz um pouco rouca. — Receberei todos em breve. — À medida que os cortesãos voltavam às suas várias atividades, lançando-lhe ao mesmo tempo olhares cobiçosos, ela concentrou a sua atenção em nós.

— Bem? — perguntou. — Sinto tensão. Alguém pode explicar-me o que se passa?

Dudley abriu caminho e avançou.

— Majestade, eu só estava a informar o meu senhor Secretário Cecil de que, dada a quantidade e a posição social daqueles que já procuram alojamento na corte, não podemos alojar estes seus... recém-chegados.

O seu tom de voz, para minha repulsa, tinha-se tornado aquiescente, quase servil, mas não me enganou. Eu conhecia a sua história. Eu tinha-a vivido. As maquinações da sua família tinham custado a cabeça ao seu pai e irmão mais novo, mas Dudley sobrevivera, embora fosse tão culpado da traição passada como eles. Sempre contara com o seu charme e associação de longa data com Isabel e, como a experiência passada mostrou, ela não era imune a ele, mesmo quando estava totalmente informada da sua astúcia. Na minha opinião, ele sempre fora a sua maior ameaça, deixando a ambição sobrepor-se a todas as outras considerações, incluindo o seu casamento infeliz com a filha de um cavalheiro de Norfolk. Mantinha a mulher afastada da corte, sempre a tramar para encontrar uma forma de terminar o casamento e poder casar com Isabel. Isabel mantivera-o sempre preso a si, aludindo às promessas que, até à data, ainda não tinha cumprido, mas eu tinha visto o quanto isso lhe custava e não fiquei tranquilo ao testemunhar o calor recíproco nos seus olhos quando o contemplava. A ligação deles era para toda a vida, forjada desde a infância pela arena volátil da corte; a sua atração magnética parecia queimar o ar entre eles como uma chama invisível.

Então, ela disse com um toque de alegria seca:

— Fiz-vos Mestre de Cavalaria, meu senhor Robert, não moro do meu palácio. Gostaria de ver todos os meus convidados alojados em conformidade com a sua posição. Temos toda esta cidade à nossa disposição; certamente que não estão tomados todos os cantos? E se o meu senhor Secretário tem estes seus recém-chegados em tão grande estima, devemos certamente fazer o mesmo.

Ela estava a jogar segundo as regras do jogo que estabelecera há muito, o aviso implícito no seu tom de voz a indicar que não toleraria muitas liberdades da parte dele em público. A humilhação ensombrou o rosto de Dudley. Ao contrário dos outros nobres, continuava desafiadoramente barbeado, sem dúvida porque uma barba teria diminuído a virilidade da sua juventude. Eu tendia a esquecer-me de que ele ainda era um jovem, com apenas 26 anos, na verdade apenas um ano mais velho do que Isabel e eu.

— Ficamos honrados, Majestade, pela vossa graciosa consideração — disse Cecil. — O Mestre Walsingham passou estes últimos seis anos no estrangeiro, como sabeis, e está ao meu serviço. Asseguro-vos de que se revelará um bem valioso para o vosso reino.

— Não duvido. — Isabel aceitou a taça que um pajem lhe trouxe. Antes que o pajem pudesse servir a bebida da sua garrafa, Dudley subiu para o estrado para assumir o comando da situação e servir ele mesmo a rainha. — Sois bem-vindo na nossa corte, Mestre Walsingham — continuou ela, com um aceno de agradecimento a Dudley.

À exceção do breve olhar que tínhamos trocado, não voltou a olhar para mim. Eu não estava certo de como interpretar aquilo. Estaria satisfeita por eu estar aqui ou teria a minha presença trazido consigo lembranças desconfortáveis de tudo o que eu sabia sobre ela?

— Infelizmente — continuou ela —, lamento que não possamos falar mais demoradamente pois, como vedes... — fez um gesto para a fila de cortesãos já alinhados para a cumprimentarem — ... vou estar ocupada durante a maior parte desta noite e também durante os próximos dias. Pedi a Cecil que marque uma ocasião mais conveniente. Ele agora supervisiona o meu conselho e — disse com ênfase — a minha agenda diária.

Ainda assim, o seu sorriso expansivo a rematar o discurso mostrava mais prazer do que já a vira manifestar, prova clara de que depois de anos a iludir os que ansiavam por ver a sua queda,

incluindo a sua própria irmã, a nossa falecida rainha, ela estava a gostar do seu novo poder. Cecil sempre fora o seu maior defensor, tão dedicado à sua própria autopreservação como à dela. Ele tinha trabalhado incansavelmente para a ajudar a evadir-se às armadilhas que a ameaçaram durante os reinados anteriores, recrutando informadores como eu para garantir a sua segurança. Ela não poderia ter escolhido um homem mais capaz para confiar, como eu bem sabia. No que dizia respeito à proteção de Isabel, ninguém era mais letal do que Cecil.

— Sua Majestade, seria um privilégio. — Walsingham curvou-se novamente. Isabel assentiu e chamou Cecil ao estrado, obrigando Dudley a desviar-se enquanto ela e o seu secretário falavam durante alguns momentos. Dudley fez uma careta. Ele e Cecil nunca tinham sido amigos; Dudley talvez não soubesse exatamente quão profundo era o ódio que Cecil sentia por ele, mas sabia o suficiente para suspeitar que o homem que em tempos servira o seu próprio pai nunca poderia ser digno de confiança. Tirei assim um momento para saborear o seu desconforto antes de pegar nas nossas malas.

Senti então a sua atenção fixar-se novamente em mim. Erguendo o olhar, vi a boca dele a torcer-se num sorriso maligno. Tinha visto aquele mesmo olhar no seu rosto durante toda a minha infância, quando decidiu tornar a minha existência insuportável lançando-me armadilhas e empurrando-me ou perseguindo-me até ao sótão do estábulo para ele e os seus irmãos endiabrados poderem espalhar os meus pertences no chiqueiro dos porcos. Mais uma vez, dominei a minha expressão até Cecil deixar a rainha e se apressar novamente para junto de Walsingham e de mim.

— Sua Majestade destinou-vos um espaço na parte inferior do palácio — murmurou Cecil. — Não é grande, mas é suficientemente privado. Vou levar-vos até lá.

Quando deixámos o salão e os cortesãos avançaram ansiosos para receberem o seu favor da rainha, não olhei em volta.

Avançámos pelas galerias, onde tapeçarias e quadros manchados de fumo estavam suspensos nas paredes, a luz de velas em castiçais a oscilar ocasionalmente para manchas de escuridão que evidenciavam o brilho da Lua gélida lá fora. Muitas coisas se tinham mantido inalteradas, partes do palácio ainda despidas e cobertas de andaimes, uma transformação em constante evolução que tinha começado no reinado de Henrique. Quando aqui vim pela primeira vez, achei o lugar um labirinto desconcertante projetado para aprisionar os incautos. Agora, reconhecia facilmente certas voltas e pátios isolados para lá das colunatas, depois de ter passado tempo suficiente a percorrer as suas passagens para nunca mais me perder ali.

A voz de Cecil atraiu a minha atenção.

— Estou aliviado por estardes finalmente ambos aqui. Espero que a viagem não tenha sido muito difícil, tendo em conta a natureza apressada da minha convocação.

— De todo — retorquiu Walsingham. — E para que não seja motivo de preocupação, encaixotei e expedi os meus documentos separadamente, conforme pedistes. Devem chegar ao armazém designado dentro de poucos dias. O resto foi destruído.

— Muito bem, muito bem — Cecil assentiu. — Não tenho motivo para pensar que foram identificados como meus agentes no estrangeiro, ou mesmo que alguém fora do meu círculo imediato sabe o tipo de trabalho que fazeis, mas a cautela nunca é demais nos tempos que correm, especialmente com Sua Majestade prestes a proclamar-se. Não preciso de vos lembrar que, como rainha protestante, que Roma e os príncipes católicos da Europa acreditam ser ilegítima, ela está numa posição vulnerável até poder provar a sua força. — Ele parou e fez uma careta. Achei estranho que continuasse a não se dirigir a mim, comportando-se como se eu fosse realmente um criado de Walsingham. — Com efeito, temos nobres católicos neste mesmo reino que, se bem os

conheço, vão procurar resistir ao governo de Isabel e até miná-lo. Não devemos baixar a guarda agora que ela tem o trono, e sim garantir que não o perde.

Walsingham franziu a testa, embora o relatório de Cecil não fosse surpreendente. Isabel estava em perigo desde que a conheceu. No entanto, esperava que encontrasse alívio agora que era rainha, e finalmente arrisquei expressar a minha opinião.

— Certamente que agora ela pode contar com alguma segurança.

— Segurança? — Cecil olhou-me com espanto. — Ela está menos segura agora do que alguma vez esteve. Enfrentamos nações inteiras de supostos assassinos. — Contou cada ameaça pelos dedos. — Primeiro temos França, onde a sua prima Maria da Escócia reside, afirmando já ter um direito superior a Inglaterra por ter sangue Tudor. Depois temos Espanha, onde o viúvo da nossa falecida rainha, Filipe II, continua a ter a esperança de conseguir a mão de Isabel, mas o seu único verdadeiro desejo é fazer seu este reino. Por último, mas não menos importante, temos Sua Santidade o Papa em Roma, que é capaz de reunir todas as forças católicas que puder para depor Isabel. — Fez nova pausa. — Alguma destas situações vos parece segura?

Resisti à vontade de fazer uma careta. Cecil sempre teve a capacidade de me fazer sentir como um escudeiro crédulo, fácil de enganar.

— Não, não parece — respondi. — Mas não tem ela também todo o reino e tesouro ao seu dispor, não desprezando o facto de que somos uma ilha...

— O reino está dividido — interrompeu Cecil —, e o nosso tesouro está à beira da falência. Entre o reinado catastrófico de Maria e o êxodo dos nossos mercadores por causa da sua perseguição, ela deixou-nos à beira da ruína. A nossa moeda está desvalorizada, a receita em atraso e a estabilidade política e religiosa é muito incerta. Temos muito trabalho pela frente se queremos fortalecer as nossas defesas. Entretanto, a única proteção de Sua

Majestade é a nossa espionagem e a sua pessoa real, que devemos oferecer em casamento o mais rapidamente possível, para que ela possa dar um herdeiro ao reino e não se tornar um escândalo internacional por causa do seu relacionamento com Dudley.

No momento em que ouvi esta declaração, percebi que ele estava prestes a empurrar-me para mais uma tarefa desagradável. Quando o vi trocar um olhar com Walsingham, não consegui conter a raiva durante mais tempo.

— Pelos dentes de Deus! — praguejei, parando abruptamente. Tive de me calar quando um grupo de cortesãos passou apressadamente, atrasado para as festividades no salão, deixando à sua passagem um rasto enjoativo de perfume. Assim que desapareceram da nossa vista, perguntei: — Fui trazido até aqui para ser vosso peixeiro?

Cecil respondeu friamente:

— Creio que é traição comparar a nossa soberana a uma alcoviteira.

— E não é exatamente o que estais a fazer? — perguntei, olhando para Walsingham, que continuava inabalável. — O senhor sabia disto? — exigei saber. — Foi para isto que me deu toda aquela formação, todos os dias e noites a memorizar cifras e a brandir uma espada até os meus ombros sangrarem? Pensei que era para ser um espião, não um lacaios qualquer levado à corte para... — olhei para Cecil — guardar a cama da rainha como um eunuco.

Cecil apertou os lábios. À medida que a tensão entre nós se adensava, ele fez sinal a Walsingham para que se juntasse a ele num assento à janela. Tirando um momento para organizar as ideias, Cecil disse:

— Penso que fizemos um pacto: eu protejo-vos e vós protegi-la a ela. Espero que cumprais.

— Sempre cumpri — respondi. — Na verdade, não fiz outra coisa senão cumprir. Caso tenhais esquecido, eu desisti de tudo para fazer a vossa vontade. Quase morri por causa disso. Tive de ir para o exílio e deixar a Kate sem nenhuma explicação. —

A minha voz tremeu, apesar dos meus esforços para a controlar. — Porque era mais seguro ela pensar que eu a tinha abandonado do que arriscar que fosse vítima de quem me queria fazer mal. Fiz tudo isto por vós, sem questionar.

— Oh, eu não diria isso — disse ele, com alguma aspereza. — Pelo contrário, se bem me lembro, não fizestes outra coisa senão questionar-me desde que nos conhecemos.

— Porque nunca fostes totalmente honesto comigo! — Tive de fazer uma pausa, inspirando com esforço. Eu estava cansado e perturbado. Ver Dudley no salão tinha abalado os meus nervos e o cansaço pesava sobre mim como lâ molhada. Este não era o momento nem o lugar para um confronto, e ainda assim não consegui conter-me. A última coisa que queria era ser um peão em mais uma jogada contra Dudley, com a minha própria vida em jogo. Pegando no braço de Cecil, afastei-o de Walsingham.

— Vistes como Dudley reagiu quando me viu — continuei em voz baixa. — Ele está determinado a vingar-se, porque o frustrei. Ajudei Isabel a escapar quando o pai dele governou no lugar do seu irmão; fui o causador do fim da sua família ao ajudar a sua irmã, Maria, a subir ao trono. E da última vez que o enfrentei, quando ele estava preso na Torre, consegui obter dele cartas que teriam incriminado Isabel na sua trama para depor a sua irmã. Dudley odeia-me. Sempre odiou. E, se se decidir a isso, também tem astúcia suficiente para perceber que escondemos um segredo dela — acerca de mim. Se ele descobrir que também tenho sangue Tudor, o último filho da sua própria tia, Maria de Suffolk, será a minha desgraça. Ele sabe que Isabel não aceitará qualquer ameaça ao seu trono. O seu próprio pai, o Rei Henrique, mandou decapitar homens por menos.

— A vossa imaginação é muito fértil — disse Cecil. — Dudley nunca vai descobrir a verdade sobre quem sois. Além disso, mesmo se descobrisse, ninguém acreditaria nele, e muito menos Isabel. A inimizade que sente por vós é tão evidente que o faz parecer desesperado. — Aproximou-se. — A ameaça ao seu bem-estar

é menos urgente do que a ameaça que ele representa para este reino inteiro. Ele pode querer ver-vos arruinado, mas está muito mais envolvido com o seu próprio engrandecimento. Preciso de vos lembrar de que ele sempre desejou a coroa de rei-consorte? — Quando não respondi, Cecil assentiu. — Não, estou a ver que não. Sabeis tão bem como eu quão altos são os objetivos de Dudley, e quando uma mulher perde a sua virtude, independentemente da sua posição, perde-a para sempre. Um momento de fraqueza da parte dela, e Dudley pode ganhar o maior prémio de todos. Se isso acontecer, vamos estar todos à sua mercê.

A severidade da sua voz fez-me pensar.

— Falais como se acreditasses que ela se casaria realmente com ele. Tendes alguma prova de que ela... de que eles... — As palavras ficaram-me presas na garganta. A simples ideia de Dudley e Isabel se tornarem amantes deixou-me enojado.

— Não, não tenho nenhuma prova — admitiu Cecil, para meu alívio. — Mas também sabeis que sempre houve essa possibilidade. Ela não consegue ou não quer ver o quanto ele é perigoso. Agora, pela primeira vez na sua vida, tudo está ao seu alcance, pelo menos é o que ela acredita. A subida ao trono turvou-lhe as ideias. Como a maioria dos novos monarcas inexperientes, não presta atenção aos lobos que esperam para a devorar. E ambos sabemos que Dudley é o pior lobo de todos.

Tive de concordar. No entanto, ainda pensei que ele menos-prezava a capacidade de Isabel. Ela podia amar Dudley, mas depois de ter lutado durante tanto tempo para conseguir o trono, não achava que ela fosse entregar o poder a ninguém. Ainda assim, o próprio facto de que Cecil tinha motivos para duvidar deu-me um calafrio. Eu não tinha certeza de que queria ouvir todas as razões por que ele sentia um tal medo.

— Ele ainda é casado, não é? — perguntei. — Ela nunca vai aceitar ser sua amante.

— Por enquanto, sim, mas é o único obstáculo que o impede e tenho motivos para crer que este obstáculo pode desaparecer em

breve. A sua esposa está gravemente doente. Os meus informadores dizem que tem um tumor maligno no peito. Se ela morrer...

— Isabel sabe disso? — perguntei, temendo a resposta.

— Sim. Eu disse-lhe. Na verdade, avisei-a de que mostrar favor a um homem como Dudley só pode manchar a sua reputação. Ela não me deu ouvidos, dizendo que embora me tenha feito seu secretário de Estado, a minha alçada não se estende aos seus assuntos particulares. Um dos seus primeiros atos oficiais foi conceder um título a Dudley. Também lhe designou aposentos perto dela, onde podem ser vistos diariamente a praticar as últimas danças, a tocar alaúde, a partilhar livros e sabe Deus mais o quê. Ele até convidou o seu suposto astrólogo, o Dr. Dee, para escolher uma data propícia para a coroação. É um ultraje: a rainha de Inglaterra a consultar aquele louco que pensa ser um canal para os espíritos e tudo porque Dudley lhe sussurra incessantemente ao ouvido.

— Eu... eu não fazia ideia de que as coisas tinham ido tão longe. — Senti um nó no estômago. A última coisa que eu queria era ver-me mais uma vez entre Dudley e as suas ambições.

— Até já foram mais longe do que isso — disse Cecil. — Enquanto ela perde o seu tempo com ele, os papistas lançam dúvidas sobre a sua legitimidade, dizendo que Roma nunca sancionou a união do Rei Henrique com a sua mãe. Além de que qualquer príncipe que deseje a sua mão vai pensar duas vezes se descobrir que tem de competir com o seu Mestre de Cavalaria. Os boatos já chegaram ao estrangeiro, tornando o meu trabalho ainda mais impossível. Dudley é uma praga. Tem de ser eliminado como uma ameaça.

— E esperais que eu o faça? — perguntei. — O seu ex-escudeiro, que ajudou a arruinar a sua família? Que quereis que faça? Que lhe crave um punhal no coração num duelo pela honra dela?

Cecil fungou.

— Não creio que seja necessário matá-lo, por muito apelativa que a ideia possa parecer. Dudley não pode evitar ser quem é;

com o tempo, e com incentivo suficiente, mostrará a sua cartada. Até então, contudo, precisamos de alguém que a distraia. Ela pediu que vos levasse à corte. A seguir a Dudley, atrevo-me a dizer que não há homem em toda a Inglaterra de quem ela goste mais, nem um mais adequado para a lembrar disso.

Olhei para ele.

— Estais a pedir-me para... a seduzir? — Ele fitou-me em silêncio, até que eu sibilei: — Meu Deus, homem, estais louco? Somos parentes! O pai dela era irmão da minha mãe.

Cecil puxou fastidiosamente a manga.

— Mais uma vez, a vossa imaginação corre desenfreada. Há muitas maneiras de seduzir uma mulher e, com ou sem coroa, Isabel ainda é uma mulher, e jovem. Ela confia em vós. É uma arma poderosa, se aprenderdes a usá-la.

Eu teria largado a rir se toda a conversa não fosse tão insul-tuosa.

— Então qual é o vosso plano, exatamente? Usar-me como um instrumento de inveja? Atiçar o ódio que Robert Dudley já sente por mim a ponto de ele vos dar meios para o desacreditar?

— Tendes um plano melhor? — replicou ele. — Ela valoriza-vos muito. Dudley está ciente disso e já ferve só de vos ver. Ele não sabe que vocês têm o mesmo sangue. A vossa presença ao lado dela é tudo o que basta. Deixemos que Dudley cave a sua própria cova.

— Ou a minha — disse entredentes. — Porque é isso que ele vai tentar fazer.

— Deixai-o. Estarei pronto. Até lá, no entanto, ides vigiá-la, mantê-la ocupada até eu tratar da coroação e das outras tarefas que tenho em mãos. Ela deve ser afastada de mais envolvimento com Dudley. Não quero... — Expirou, tenso. — Não *podemos* permitir mais boatos em relação a ele. Tenho de a apresentar como uma noiva real adequada.

Por muito desagradável que fosse o cenário, bastou-me recordar a ameaça murmurada que Dudley me lançou no salão para

admitir que Cecil tinha razão. Além disso, não faltaria muito, calculei, para que Dudley inventasse uma forma de me atacar. Mais valia que me preparasse.

— Muito bem — disse eu secamente. — Mas é melhor que estejais pronto para me proteger, se Dudley se descontrolar.

— Tendes Isabel para isso — respondeu ele. — Mas, sim, naturalmente; se a situação se tornar incontrollável, intervirei. Entretanto, fornecer-vos-ei tudo o que precisardes, o dinheiro necessário para as vossas despesas e vestuário, bem como...

— O meu cavalo está aqui? — interrompi.

Ele piscou os olhos.

— Creio que sim. Logo que soube que estáveis a caminho, mandei um moço de estrebaria ir buscar o animal à minha mansão de Theobalds para que fosse alojado nos estábulos reais.

— *Ele* — corrigi. Virando-me, peguei no meu alforge. — O nome dele é *Cinábrio*. — Comecei a andar na direção contrária, passando por Walsingham enquanto ele franzia a testa e se levantava do seu assento junto à janela. Não expliquei. Simplesmente deixei a sua mala para que ele a levasse a partir dali.

Podia ser um criado, mas já não o servia.

«Um romance vertiginoso, fruto de uma pesquisa cuidada, que evoca a atmosfera da Inglaterra isabelina em toda a sua glória e intriga. Gortner atrai os leitores para todos os aspectos da história e irá deixar os seus fãs mais do que satisfeitos.»

RT Book Reviews



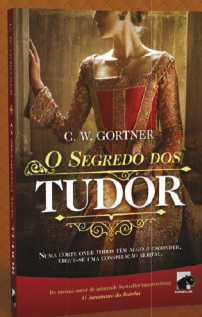
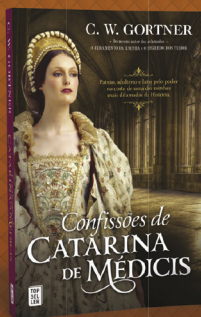
Em 1558, após a Rainha Maria morrer, Isabel Tudor ascende ao trono. Depois de um exílio de quatro anos na Suíça, Brendan Prescott, o espião privado de Isabel, é chamado à corte inglesa. A rainha incumbe-o então de investigar o desaparecimento de uma das suas aias, Lady Parry, que foi visitar a família a uma aldeia distante e nunca mais foi vista.

Ao chegar ao destino e ao conhecer os familiares de Lady Perry, Prescott apercebe-se de que estes escondem um segredo que poderá pôr fim ao reinado de Isabel. O desenrolar dos acontecimentos leva-o também a ter a certeza de que alguém se quer vingar. Resta saber se o alvo da vingança é Isabel ou ele próprio.

Numa atmosfera repleta de segredos, Prescott lutará até ao fim para cumprir a sua missão, procurando nunca pôr em causa aquilo por que sempre lutou: a sua lealdade à rainha.



Do mesmo autor:



TOPSELLER

os livros em primeiro lugar

20/20 editora

ISBN 978-989-8831-77-4



9 789898 831774

Romance Histórico